

O Livro das Músicas

Infothes Informação e Tesouro

P682 Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim
O livro das músicas. / Antonio Vicente Seraphim
Pietroforte. – São Paulo: Annablume, 2010.
(Coleção [e] Editorial).

ISBN 9788563141095 62 págs.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Música. I. Título.

CDU 869.0(81)

CDD 890

Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

O LIVRO DAS MÚSICAS

© ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE

Paginação e Capa
Vanderley Mendonça

[e] editorial é

Antonio Vicente S. Pietroforte

Eva Batlickova

Gustavo Bernardo

Ivan Antunes

José Roberto Barreto

Vanderley Mendonça

Demônio Negro é uma publicação da

ANNABLUME editora . comunicação

Rua Martins, 300 . Butantã

05511-000 . São Paulo . SP . Brasil

Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televendas 3031-1754

www.annablume.com.br

Antonio Vicente
Seraphim Pietroforte

O Livros das Músicas

[e]editorial

**o livro das
músicas**

lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiade**gra**çaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
sse**bru**mabrunetteparaseranapara
cimasem**pre**cheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasem**prechei**adegraça**ple**na
lídiacom**ono**modobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraça**e**plena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena

ESTOCÁSTICA

A MÃO MUDA
MACOMUNADA COMUNA
TE MANIPULARÁ

MAESTRO NA CONDUÇÃO DA ORQUESTRA
NA CONDUÇÃO DA MÚSICA
NA CONDUÇÃO DA MUSA
DA DANÇA
DO COLAPSO

LAPSO DE TEMPO
DE PAUTA
DE DISPERSÃO

LAÇO

REGÊNCIA I

AMÃOMUDA

MACOMUNADA

TEMANIPULARÁ

MAESTRO NA CONDUÇÃO DA ORQUESTRA

NA CONDUÇÃO DA MÚSICA TRINA

NA CONDUÇÃO DA MUSA TRINA

DADANÇA TRÍTONO

DO COLAPSO 3

LAPSO DE TEMPO

DE PAUTA

DE DISPERSÃO

L A Ç O

REGÊNCIA II

SUA FALA JORRO
COMO DETER?
SUA MENSAGEM SOBRE
COMO MUDAR?
SEU SOFRIMENTO

A IMAGEM NÃO SE PERDERÁ JAMAIS
GARRAFA NO MAR MENSAGEM
MUDA PLANTA
TÍMIDA DE TUDO

ÁRIA I

lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena
lídiacomonomodobrunacomosefo
ssebrumabrunetteparaseranapara
cimasemprecheiadegraçaeplena

MINIMALISTA

O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um grifo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um grilo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um sopro se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e muda
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e fixa
O amor começa numa concessão
A poesia confessional também celebra sua ficção
Um pomo se insinua nessa dicção e fixa

ÁRIA II

you would be disappointed yes
if I hadn't thought of this

would be like killing you with love

just to make you suffer
even if it's not like that

even if it's just to breathe
just to see you better
to imitate your voice

to scatter your song
concerto
attitude of minimum effort to make a cut
the chorus
just another agreement

you would be disappointed yes
if I hadn't thought of this

would be like killing you with love

just to make you suffer
even if it's not like that

even if it's just to breathe
just to see you better
to imitate your voice

to scatter your song
concerto
attitude of minimum effort to make a cut
the chorus
just another agreement

FUGA I - OS JOGADORES DE CARTAS

fiquei imaginando a cena _____

você a me observar
eu a te admirar mais

podem ficar sujos de terra

pretos da sujeira das ruas _____

mas eu gostei muito

_____ sempre penso em você

ÁRIA III

LÚCIDA

ILÍCITA

**DANÇA DEBAIXO DO TOLDO
PARA SE MOLHAR**

SÓ UM POUCO

FLAUTA DOCE

silencioso cílio

cioso de seu papel no coito

despretensioso modo de encarar a coisa

VIBRAFONE I

despretensiosa presença

cuidadoso decoro para se mostrar

camisola quase rosa quase vermelha

VIBRAFONE II

uma venda

uma fita

nenhuma cinta liga para atrapalhar

VIBRAFONE III

**posso te chamar lúcida
aquém posso te chamar
de alguma coisa
confusa?
crucial?
anterior?**

nada disso ajuda

FLAUTA TRANSVERSAL

se eu fosse verde
já seria fumo
se eu fosse Deus
seria pra te ver de saia, só
dizendo – qual seria?
seria deusa por convicção
incauta
pronta pra fugir descalça e
dar um coração a cada um
que passa, a rima
vaga no espaço
inda que vazio...
o colo aos ventos
às rosas
e cio aos tempos
para garantir
as trovas e a praça
em plena explosão;
a causa?
um gesto simples
de vida e som
silencioso, quase mudo
o asfalto, como se diverte –
inda que silêncio de pedras
– sujo, o brilho do vidro
em caco,
que pedra pulsa e ri
quando
presente
a doida

CANTADA I

Variações sobre o poema *Se eu fosse Deus*, de Sonia Pereira
se eu fosse Deus / seria deusa por convicção /
dar um coração a cada um / inda que vazio... /
e cio aos tempos / em plena explosão/ de vida e som /
inda que silêncio de pedras / que pedra pulsa e ri / a doida

no guindaste a esfera suspensa pelo cabo,
você, suspensa no aparato estranho, sofre

na banca o calor perfura a cor das frutas,
a fruta, feita para a dor do furo, flora

cascas contra o muro,
só murmúrio e musa

a esfera fende a fruta
o consolo, a musa

CANTADA II

*Variações sobre o poema Dor, de Flávia Rocha
No guindaste a esfera suspensa pelo cabo. /
Na banca o calor perfura a cor das frutas. / /
Cascas contra o muro. / A esfera fende a fruta.*

a lua admira o seu corpo seminu
eu admiro seu corpo-lua e a rua

escrito nas ondas
nesses trapos sujos

o asfalto-seixo
seus pés descalços

continuam assim tão belos
eu continuo neles, ávido

ébano, ônix, gralha
esse se banhar sem água

lansã insana
por trás dessas árvores

CANTADA III

*Variações sobre a primeira estrofe
do poema A luz da lua, de Elizandra Souza
A lua admira o seu corpo seminu / nesses sujos trapos
seus pés descalços / continuam assim tão belos
esse se banhar sem água / atrás dessas árvores*

te chamo pupa

agrura

tecido difícil de decodificar

mas te guardo de cor

de coito

coitado desde o dia em que te

conheci faceira

fazendo riscado

gira na sexta feira à noite

BATUCADA PARA ATABAQUES-BAQUES

fui eu, formosa, me arrumei inteira,
tinha um coelhinho azul na camisola.
coelhinho amigo, calma nessa hora!
fica quietinho dentro da gaveta...
 será que ele me leva assim? será
 que se incomoda? ainda não sei, sei lá...

fui eu, chorar, cá destes olhos meus,
– vedes, amigas, como a tarde é cinza –
borrou nos lábios, derreteu o rimel,
parece vinho, a lágrima que fez...
 será que ele me leva assim? será
 que se incomoda? ainda não sei, sei lá...

fui eu – se digo, creio que não fica –
de linho branco embaixo do vestido,
lembra o consolo, se não está comigo,
como se faz amigas, nesses dias...
 será que ele me leva assim? será
 que se incomoda? ainda não sei, sei lá...

CANTIGA DE AMIGO I

aquelas noites tão longas...
veneno significa,
em grego, a palavra fica
tóxico e eu fumo maconha
no tempo em que meu amigo
me troca por outro amigo

por que o fez Deus tão grande?...
meus dedos, até o punho,
não são todos eles juntos,
quisera!... mas, inconstante,
no tempo em que meu amigo
me troca por outro amigo

CANTIGA DE AMIGO II

renata que
significa rumo
bruna que
significa música
bárbara que
significa no 2º
horário camilla
que significa
israel renata
que significa
angelina
bruna que
significa gia
bárbara que
significa muitíssimo
fina qual olívia
camilla que
significa amy
winehouse

LOGOPEIA

calendário SM

***de tanto contemplar
as cerejeiras em flor
doem-me os ossos da nuca***

Sôin

**nem só a idade da boca
para falar do pega**

**somente muro
nenhuma palavra importa**

**o grito do despertador
acorda**

**entusiasmado com muro
com pega
com corda**

**ante a cumeeira
rosas duras e pontudas
heras e cereja**

moça, porque você não pára de
falar; ouça, há uma história para
te contar; meça quantos metros de
corda uso para a
trama, uso para o drama, pretexto
acima de tudo. destino? hino
dedicado a Aracne e a Hemera,
às Graças e a Andrômeda. pulso?
impulso que não pára

nunca

**nem
que
o
mundo
caia**

**nem
mesmo
se
você
insiste**

nunca

pelo menos isso
uma noite em Tunísia
uma noitada boa...
pelo menos alguma sopa
seda
suco de tomate

alguns tijolos
feito Krazy Kat
duro como um tijolo
qual Marquês de Sade
durante a abertura Cubana
pelo menos o vestido curto
pelo menos uma passacaglia de Webern

poema em prosa existe? o pomo de Adão permite essa levada?
não pode fazer nada... irerê é um passarinho do sertão do Cariri;
viola, minha violência em concerto para cinco cordas; desistir da
prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa prosa

escrita nas ondas
a palavra muda.
marasmo... marola...
a maré de sorte
que faltava. prece?
o poeta é só
um cara, acende
como qualquer cuca,
apenas dá a pala
em voz alta para
ver se soa alguma
coisa. inspiração?
poeira de livro,
de revista velha,
navegador da
rede, do bizarro,
o último dos
moicanos. punk?
talvez, mas não se
engane, o drama
não é tão estranho,
é cena de night-
club em Nagasaki.

deixa eu te explicar

[]

não sou lá muito pitagórico
mas [] às vezes [] é só uma
questão de número
de nous

[]

de humor ou de umidade
uma questão de chuva
de capa
de depende da hora e do mínimo

[]

a letra não é morta
assuste-se à vontade com isso

emana da memória?
quem se lembra do passado em preto e branco
o raio X que te devora o ventre
a mente
as entranhas?

câncer?
mas nem tanto,
algo de venéreo que se dispersa
e que se multiplica

o sono é irmão da morte...
quem é irmão de nossa senhora
desatadora de nós?

será irmã letra, irmã das regras da gramática?
irmã do irmão retórica,
irmã lógica?

voz
) próxima de foz (
a primeira que não vem
em forma de vírgula

) um segundo exclui

enquanto isso, o tempo passa (
a foz fica retida no dique
) em coma (
você fica difícil de D E S A T A R

primeiro cora
coral
só não define com clareza
como fica o coro
o couro
o canto

) cora?
clarice?
mal consigo imaginar o nome
... (
em seguida clara) custe o que custar (

- foi tão fácil conseguir, e daí -

colheita do que semeiei

**quem dedicaria uma oferenda verbal assim?
pronta para um projeto?
pronta para um projétil?
apta para um fim?**

a construção do vermelho

passeio pelo parque em flor?

pelo parque da física, no pátio me deparo
escolha entre a maçã e o prisma

a gravidade...

... o vidro

a cisma?

o contínuo

istmo de dúvida

concerto para viola
feito com violência

próprio para filtrar a

l u z

por isso a maçã

sem sombra de dúvida

de árvore

de aurora

rena
celebrará os galhos
a galhardia
singela e despretensiosa
entre os cavalheiros

adão

a veia ca **V** a

leva-me daqui . . .

EVOCO EVA para me proteger

**explícita
hora da lua
da luação**

hora das regras

**tempo de determinar como se vestir
como se dispor
o que fica de fora
e o que não fica**

**simular a gema
o rubi**

laser quando se refrata na fumaça

único

V que interessa

traduza

EVA

ALEPH

um touro tão transparente

tórrido

ávido de ternura

urra como se fosse lobo em pele de bronze

por cima da fogueira

sopra como se já fosse cinza

OZ

Ormus

Arimã

**trema de medo diante daquele verde
da cidade verde de esmeraldas verdes
do casaco rosa que ela veste
quando coloca óculos escuros**

fogueira

um colo cor de rosa

explicaria tudo

uma nênia para Geli

uma nênia para Geli
a vítima ariana do nazismo

o primeiro campo de concentração
_____ não se mova, você é um quadro
agora

vaga

lembrança dos tempos da Atlântida
um tipo de diáspora na decoração do quarto
_____ faça o que quiser com ele

tão doce...
seria creme
anis...
sua boca diria rosa
diria rubro
diria Eldorado
quando
Geli aflora em América L

a mocinha loira da capa

loirinha das marchinhas de carnaval

vestida de holandesa
na porcelana branca

nos livros de criança, pálida e rosa

estampa



a frente e o Mar Vermelho afoga

como será o céu dos suicidas?
lá ela seria santa?
o avatar nazista que se suicida
por que se suicida?
então seria Shiva, Indra, Lágrima?
seria águia sob o sol emplumado
a mocinha branca?

voltará em forma de gata siamesa
meio siamesa, meio vira-lata
a pelúcia clara – parece gata de mentira
o olho azul fica cinza quando fita o Sol
através da janela
apoiada no encosto da cadeira que simula
onça pintada
a gata, o fetiche da onça, os olhos azuis
ela é de novo gata
clara
mas é minha

está na tela do cinema
se move, como se fosse a Terra
o vento clama subterraneamente
escapa pelas frestas da calçada, grades
levanta sua saia branca

as pernas dizem **V**

de **VITÓRIA**

ACORDES ENTRE A PRECISÃO E O ACASO

Elementos de *O livro das músicas*, do linguista-poeta (ou poeta-linguista) Antonio Vicente Seraphim Pietroforte parecem reviver algo da procura obstinada de Ferdinand de Saussure pelos anagramas na poesia latina, revelando “palavras sob as palavras”. Isso não será acaso: este autor-professor saussureano tem, que eu saiba, nos famosos anagramas uma referência para a compreensão do que poderíamos chamar de linguagem poética. E não à-toa isso ocorre: mesmo alguns poetas e teóricos que não compartilham de postulados erigidos pelo grande linguista suíço veem neste seu trabalho oculto (e abandonado) a grande contribuição do mestre para o estudo da poesia. Mas Antonio Vicente, arguto revisor e redefinidor das coisas e dos pensamentos, manifestante hábil de

rebeldia com causa estético-literária, não descobrirá nomes ocultos em seus textos; antes, dará à luz fragmentos que, advindos de nomes femininos e qualificativos das personagens, parecem despir o verbo de sentido, para dar-lhe uma ocorrência ressignificadora, por via “Estocástica”: num poema com esse nome, aponta-se para diversos sentidos dessa palavra – a aleatoriedade, identificando elementos inesperados; a técnica composicional de Xenakis, de base estatística; a conjectura, a evocar a origem grega da palavra, *stokhastikós*, “hábil para dar no alvo, conjecturar; arte de conjecturar”. O poema segue transformando-se, a mudar seu teor, no terreno entre a busca e o acaso, para converter-se numa “Declaração de amor minimalista”, a funcionar com segmentos que se repetem minimalisticamente.

Além da busca de transição entre modos de compor sonoros e linguísticos, musicais e poéticos, o autor procura transitar, também, entre o encontro preciso, a arquitetura exata, e o fluxo contínuo do acaso, o imprevisto que bro-

ta, ainda que com regras ou condições matemáticas que lhe estejam subjacentes. Tudo é mudança. O foco não recai sobre o que se espera, mas cria novas possibilidades a esperar. “A mão muda”, as palavras mudam, na sucessão de seu repetir, a partir do motor da repetição, que é alma do ritmo, alma do verso, alma da poesia, alma da música. “Maestro na condução da orquestra / na condução da música / na condução da musa / da dama / do colapso”: as mãos que regem cada transformação é a mesma que manipula a dama, anunciando a identificação entre a linguagem e Eros, o “laço” erótico-amoroso, a língua e a língua, o gesto, o toque e o trinado... Os recursos habituais da poesia moderna, como o uso de diversidade tipológica e de corpos de letras, de cores e de espacialidade da página parecem servir para se transgredirem as expectativas usuais dos arranjos já vistos ou presentidos; a atitude da errância incorpora-se, sempre, ao procedimento geométrico da exatidão. Este aspecto transicional, penso, é a

essência instável da poesia-música de Seraphim Pietroforte, não se contendo ou não se conformando com a categorização, com a estagnação, ou com o que quer que seja fixo.

Há organicidade sobreposta ao construído, mutabilidade superposta ao exato. Há curvas projetadas sobre as retas: a “flauta doce” é fálica, olhando a quem, ao mesmo tempo “lúcida” e “ilícita”, “dança debaixo do toldo / para se molhar”. As palavras buscadas são colhidas do colóquio, da prosa cotidiana, da língua viva, e caem sobre as páginas meio que desavisadamente, para se tornarem candidatas à perenidade. Mas por vezes evocam paronomásias trazidas de referências poéticas e pessoais, como a rica sequência “silencioso cilício / cioso de seu papel no coito”, num “Vibrafone” vibrante. Amor e dor se conjugam por instrumentos concretos, exigindo a participação das palavras-instrumentos no ato, antes e depois de sua existência: imaginadas antes, registradas depois (assim me parecem). Sempre o trânsito, seja entre a fala diária e a palavra de-

terminada e rigorosa, seja entre o reto e o curvo, o arquitetado e o imprevisto, o amor e a dor, o som e o silêncio...

A atitude transversa, uma visão de soslaio, atravessa o pensamento, quase um fluxo de consciência, a dúvida interior que se desdobra e quer se articular como tema, numa “Flauta transversal”; a sequência “posso te chamar lúcida / aquém posso te chamar / de alguma coisa / confusa? / crucial? / anterior?” é como que atravessada pela afirmação anuladora – disposta em canto oposto da página – de que “nada disso ajuda”. Trânsito, passagem, também da dúvida para a certeza.

Incluem-se, entre os poemas, “variações” sobre poemas outros, de outros autores, que se convertem em “cantadas”, re-cantos que trazem a ação corriqueira da cantada erótica, a conversa para convencer ou seduzir, à dimensão do outro sentido da palavra: uma travessia entre significados, entre o físico e o etéreo, o ato e o verso.

Entre cantadas, batuques, rearranjos, re-escrituras e logopeias criadoras de sentido, associa-se, em *O Livro das músicas*, a passagem – como o movimento das mãos não só do regente, mas também dos músicos, de nota a nota, de ritmo a ritmo, gênero a gênero – à repetição refazedora, configurando-se, a cada vez, um objetivo alcançado que parecerá permanentemente em trânsito, como a vida.

Marcelo Tápia
março de 2010

